

# A saudável e cinematográfica política de um médico na São Paulo dos anos 1950

---

*The healthy and  
cinematic politics  
of a doctor in São  
Paulo in the 1950*

---

**Rodrigo Archangelo<sup>1</sup>**

---

1. Doutor em História Social pela FFLCH-USP e pesquisador da Cinemateca Brasileira. O presente texto foi escrito a partir da comunicação “Diagnóstico de uma nação: a Saúde na propaganda de Adhemar de Barros nos cinemas”, apresentada no *Seminário Multidisciplinar Cinema, História e Saúde*, ocorrido a 19 de novembro de 2016; evento organizado pela Cinemateca Brasileira e o Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação da Universidade de São Paulo (LEER-USP).

---

**Resumo:**

A trajetória do político Ademar de Barros tem várias facetas. Sua exploração da figura do médico é aqui abordada para descrever a estratégia eleitoral do homem de ciência empenhado na transformação da saúde pública. A partir da análise do cinejornal *Bandeirante na Tela*, o artigo destaca os principais aspectos de um político que pretende legitimar sua imagem mais como agente da ciência do que como político propriamente.

**Palavras-chave:**

Medicina; política; cultura visual; Ademar de Barros

**Abstract:**

*The trajectory of the politician Ademar de Barros has several facets. His exploration of the figure of the doctor is here approached to describe the electoral strategy of the man of science engaged in the transformation of public health. Based on the analysis of the newsreel *Bandeirante da Tela*, the article highlights the main aspects of a politician who*

2. Para a compreensão desses e outros componentes da mitologia política de Adhemar de Barros, ver Archangelo R. Um bandeirante nas telas: o discurso adhemarista em cinejornais (1947-1956). São Paulo: Alameda, 2015. A Cinemateca Brasileira, também septuagenária em 2016, mantém sob a sua salvaguarda filmes provenientes desse momento político surgido no pós-46. Mais do que isso, a maior guardiã do patrimônio audiovisual brasileiro preserva registros cinematográficos do primeiro teste de continuidade da então jovem democracia, como o pleito de 1950 e seus desdobramentos. Além do *Bandeirante da tela*, algumas séries de cinejornais depositadas na Cinemateca Brasileira, como, por exemplo, o *Cine Jornal Informativo*, o *Atualidades Atlântida*, o *Notícias da Semana*, o *Cine Jornal Actualidades* etc. também cobrem o contexto político da passagem entre os anos de 1940 e 1950.

3. O material audiovisual do *Bandeirante da tela* pertence à Cinemateca Brasileira. Diferenças de tonalidade e resolução das imagens aqui reproduzidas se devem ao estado do material original.

*intends to legitimize his image more as an agent of science than as a politician.*

**Keywords:**

*Medicine; Politic; Visual culture; Ademar de Barros*

Em meio aos sobressaltos da política nacional, pouco foi dito sobre os 70 anos, completados em 2016, da primeira redemocratização da já combalida República brasileira. Recém-saído de uma experiência ditatorial, o Brasil promulgava em 1946 a sua quinta Constituição – a quarta no período republicano de apenas 57 anos. Nesse contexto em que culturas políticas se mesclavam a provincianismos, definindo contornos e estratégias para maior alcance sobre o eleitorado, o “Estado-locomotiva” da nação, cuja capital era a “cidade que mais crescia”, apresentava à cena política o seu jovem governador, eleito em sua recém-nascida sigla: Adhemar Pereira de Barros e o Partido Social Progressista (PSP). Médico com residência na Europa e comandante militar na Revolução de 32, foi um promissor representante da tradição bandeirante cujo capital político era alicerçado em valores da família católica, e na investidura do saber científico e da missão de clinicar.<sup>2</sup>

Por meio da análise de notícias reunidas em um cinejornal claramente ligado ao elogio de forças políticas, pode-se (re)conhecer estratégias constitutivas da prática política brasileira. Nesse sentido, assistir um pouco de Adhemar de Barros, ou melhor, de “doutor Adhemar” em seu próprio cinejornal oficial, o *Bandeirante da Tela*, talvez não seja um exercício anacrônico para os dias atuais. Ao contrário, pode ser revelador de um *leitmotiv* não tão latente em nossa cultura política.

Para as próximas páginas, a proposta será localizar rapidamente a situação política de Adhemar de Barros entre os anos de 1950 e 1956, em São Paulo. E, mais adiante, analisar como o saber científico, calcado no tema da Saúde, aparece no discurso adhemarista. Para tanto, serão apresentadas algumas edições desse cinejornal,<sup>3</sup> cuja série foi produzida entre 1947 e 1956 pela Divulgação



Figura 1.  
Cédula do Partido Social Progressista. São Paulo, 1946. Caixa 631, pasta 02, doc. 003. Fundo Adhemar de Barros/APESP.

Cinematográfica Bandeirante, empresa da própria família de Adhemar.

### **O adhemarismo em São Paulo: breve percurso (1950 e 1956)**

Eleito governador em 1947, Adhemar de Barros parecia ter aprendido duas lições importantes na sua passagem como interventor federal entre 1938 e 1941: criar uma máquina partidária nos moldes das grandes agremiações políticas da época; e copiar a mesma estrutura da propaganda varguista<sup>4</sup>– e assim o fez, pelo menos no cinema, ao montar sua companhia cinematográfica no mesmo espaço do antigo DEIP (Archangelo, 2007). Em 1946, portanto, a propaganda adhemarista já havia definido suas linhas-mestras, que mesclavam as realizações da Interventoria com o que se denominava tradições paulistas, criando uma mitologia personificada no próprio político, que mesclava empreendedorismo, ciência e eficácia, ideais claramente expostos na cédula partidária do PSP para aquele ano de eleições estaduais.

Distribuído no pleito de 1947, esse documento histórico comporta um conteúdo simbólico que teria ampla circularidade não apenas no *Bandeirante da tela*, mas em outros suportes de propaganda, como

4. Em 13 de fevereiro de 1941, durante a interventoria adhemarista, foi criado o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), concebido à imagem e semelhança do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Cf. Goulart, 1990.

5. Nesse sentido, o historiador Raoul Girardet (1987, p. 92) adverte que um “mito político” nunca deixa de enraizar-se numa forma de realidade histórica, pois “não foge ao fato dele surgir a partir de um (...) ser de carne e osso, historicamente definível”.

dísticos e cartazes, marchinhas, programas radiofônicos, esquetes televisivos etc. Nessa cédula, a iconografia consagrada do bandeirante, à esquerda, “olha” para o “bandeirante da nova geração” e suas realizações, que repousam sob o céu e horizonte iluminados da terra paulista. No meio da composição iconográfica, a estrada remete à Via Anchieta, importante obra de Adhemar de Barros. Como não poderia faltar, outra grande realização está representada: o Hospital das Clínicas, cuja composição gráfica, com Adhemar ao fundo, remete à qualidade de médico dedicado à causa política. No verso da cédula, a frase que confirma o apego à terra natal: “não tenho outra ambição que não seja a paz da família paulista”.

É importante lembrar que os quatro anos à frente do Palácio dos Campos Elíseos, terminados a 31 de janeiro de 1951, alavancaram a imagem de Adhemar de Barros, fortalecendo toda a simbologia engendrada em sua campanha política. Nesse sentido, a representação cinematográfica do tema “Saúde” estaria diretamente ligada à realidade histórica do objeto central da mitologia adhemarista, ou seja, o próprio doutor Adhemar,<sup>5</sup> que se definia como médico sensível às mazelas da população, combatente pela pátria paulista em 1932 e um administrador esclarecido, dada a sua formação científica nacional e internacional. Assim, foi em grande medida graças a essa junção de homem público e homem de ciência, que o político e seu partido ganharam notoriedade no cenário paulista, e também nacional. Se, por um lado, Adhemar não havia saído candidatado à presidência nas eleições de 1950; por outro era indiscutível a ascensão do seu legado, cujo maior êxito foi eleger seu sucessor para governador, o *engenheiro Lucas Nogueira Garcez*; e colocar o PSP na vice-presidência da República, com a indicação de João Café Filho. Resumidamente, é possível dizer que Adhemar colheu os frutos do seu investimento político. A partir de 1953, contudo, começariam as divergências com Nogueira Garcez, que tentava governar longe da ingerência de Adhemar na máquina executiva paulista (Archangelo, 2007, p.86).

6. Como se sabe, a trajetória de Adhemar de Barros segue adiante, passando pelo comando da capital paulista (1957-1961) e novamente do Estado de São Paulo (1963-1966), com destacada participação nos eventos anteriores e posteriores ao golpe civil-militar de 64.

7. Criado por Paulo Emilio Sales Gomes, este conceito explica a gênese do elogio às autoridades políticas e nosso cinema. Ver: *A expressão social dos filmes documentais no cinema mudo brasileiro (1898 – 1930)*, In: Calil CA (org.). *Paulo Emilio: um intelectual na linha de frente*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 323-328.

8. *Bandeirante da tela* SN. São Paulo: Divulgação Cinematográfica Bandeirante, 1950. Fita de vídeo (14min30min), sonoro, p&tb. Cinemateca Brasileira.



Lucas Nogueira Garcez passou a ser o maior problema entre os correligionários do PSP, chegando ao rompimento partidário em 1953. Já não se tratava, portanto, da continuidade do projeto pessepista, e Adhemar se encontrava em desvantagem, uma vez que não possuía ligações com a máquina governamental paulista. Sem participar dos festejos oficiais do IV Centenário da cidade de São Paulo, e sem poder capitalizar a morte do então adversário Getúlio Vargas, o ano de 1954 também marcaria o início da forte polarização com o Jânio da Silva Quadros, inimigo que venceria o pleito estadual daquele ano, cujo discurso político tinha semelhanças com o de Adhemar, mas com figuração própria (a tão atual vassoura e a ideia de renovação moral e cívica). Após a derrota na disputa presidencial de 1955, Adhemar iniciaria o ano de 1956 com sua queda em progressão, além de ameaçado pela bandeira da moralidade janista.<sup>6</sup>

### **Um médico em ascensão: o adhemarismo em alta (1950-1952)**

O *Bandeirante da tela* participa de uma categoria de filme ligada ao elogio das elites políticas e econômicas, por isso trazia algo ritualístico em seu conteúdo. Nesse sentido, o “ritual do poder” – consagrado eixo interpretativo de nossa filmografia nacional<sup>7</sup> – pode ser observado nas suas notícias, que



Figura 2  
Ainda como correligionário e afiliado político, Lucas Nogueira Garcez (dir.), com sua esposa Carmelita Garcez (esq.), participam de homenagem na casa do doutor Adhemar e dona Leonor...



Figura 3.  
Lucas Nogueira Garcez fala da importante obra do doutor Adhemar. *Bandeirante da tela* SN, 1950. Fonte: Acervo Cinemateca Brasileira.

Figura 4.  
... como governador, participa do Encontro Nacional dos Municípios – onde também estiveram o presidente Vargas e doutor Adhemar. *Bandeirante da tela* Nº 501, 1952. Fonte: Acervo Cinemateca Brasileira.

cumpriam a missão de propagar o discurso adhemarista para todo o território paulista, e também outras capitais brasileiras. Portanto, não é nenhuma surpresa que o maior anfitrião dessa série de cinejornais seja o próprio Adhemar de Barros, e que ele não tivesse deixado de usá-la, entre 1947 e 1956, como palco para a melhor propaganda de si mesmo. Em 1951, Adhemar entregaria as chaves dos Campos Elíseos ao seu sucessor, mas não sem demarcar a dimensão do seu território político em um ritualismo bastante particular nos cinemas. Ainda 1950, a apresentação do candidato do PSP para o governo estadual em seu cinejornal, o então desconhecido Lucas Nogueira Garcez, foi mostrada em uma edição (hoje não identificada) do *Bandeirante da tela*.<sup>8</sup>

Dividida em dois segmentos, a primeira parte, intitulada “Administração pública”, contém as apresentações do candidato Nogueira Garcez e seu vice, Erlindo Salzano, com falas elogiosas a Adhemar; em seguida, o próprio dono do cinejornal toma a palavra, para falar de sua missão de governar, mostrando os seus feitos nas áreas de ensino, habitação, urbanismo e transporte. Mas é no segundo segmento que o doutor Adhemar realmente entra em ação.

Com aproximadamente 14 minutos, a segunda parte, “Saúde Pública”, também se estende sobre as questões de saneamento, mas cerca de 8 minutos são dedicados às realizações exclusivas na área da

9. A decupagem dos cinejornais aqui apresentada utilizará alguns termos da própria linguagem cinematográfica, como *movimentos e enquadramentos* de câmera, *a montagem* e *o recurso da voz over* do narrador. Essa terminologia é exposta e comentada em Xavier (2005) e Aumont (2012). As citações da fala do narrador (a voz over) virão entre “< >” para não confundir com as demais citações no texto.

10. Ibidem, p. 158-159; 167-169.



saúde, expostas de maneira que somente um médico-administrador poderia concretizá-las. Como acrescenta a *voz over* do *Bandeirante da tela*: <na Saúde Pública, a larga visão administrativa e a grande atividade encontraram-se (sic) com a qualidade de médico de Adhemar de Barros>. É nessa toada que as construções de hospitais, leitos e melhoramentos técnicos, campanhas sanitaristas, inovações no combate a epidemias e a sensibilidade frente aos problemas mais urgentes são apresentados. Como na própria cédula partidária de 1946, o início de uma narrativa triunfante na área da Saúde não poderia ser outro: o Hospital das Clínicas, que após um *plano geral aéreo*, tem sua fachada praticamente “varrida” por um longo *travelling* em *contra-plongée*,<sup>9</sup> a fim de



Figura 5.  
Um plano geral aéreo sobre o maior símbolo da mitologia política do doutor Adhemar: o Hospital das Clínicas. A seguir, a longa tomada em *travelling* (da esq. para dir.) apresenta de forma...

Figura 6.  
... monumental o hospital, cuja grandiosidade se deve aos <novos pavilhões [...] acrescentados por Adhemar de Barros>. Bandeirante da tela SN, 1950. Fonte: Acervo Cinemateca Brasileira.

Figura 7.  
Imagens que oferecem apenas uma <pálida ideia> da obra de <gigantesco vulto> da gestão adhemarista na construção e melhoramentos de hospitais, como o Sanatório Adhemar de Barros...

monumentalizar um dos principais pilares da mitologia adhemarista.

Para sublinhar a *expertise* do “doutor Adhemar”, é mostrado ao espectador o novo prédio da Secretaria da Saúde e, em seguida, mencionadas as medidas de proteção à infância, a guerra contra a tuberculose e a profilaxia contra a malária, <que alcançaram as mais diversas cidades do interior>. Não há imagens que comprovem tais ações, e o cinejornal prossegue com supostos técnicos da área da Saúde discutindo informações num quadro negro, *close-ups* em placas de identificação predial dos órgãos responsáveis, e breves tomadas em *plano aéreo e geral* de um canal fluvial em área campestre. Neste caso, cabe à *voz over* do narrador sustentar que esses trabalhos <alcançaram resultados favoráveis e abençoados>, sobretudo por ser uma tarefa que só pôde ser <compreendida pelos governos que sabem perceber onde se localizam as causas e os porquês dos diferentes problemas>.

A notícia no *Bandeirante da tela* prossegue, pontuando de forma concisa o legado de Adhemar de Barros para justificar ao eleitor que, <honestamente, deve-se reconhecer o gigantesco vulto do [seu] trabalho>. Nesse sentido, o cinejornal insiste na mensagem telegráfica, de fácil leitura, alternando tomadas internas e externas de estabelecimentos hospitalares, para sustentar a veracidade no discurso adhemarista. Por exemplo, as tomadas da fachada do Sanatório Adhemar de Barros e das instalações do Hospital Psiquiátrico do Juqueri. Nesse último, são mostrados alguns melhoramentos promovidos pelo doutor Adhemar, inclusive com enquadramentos de câmera mais elaborados para deixar claro como os <novos pavilhões tornaram maior a capacidade da casa de alienados>.

O ritual do poder de Adhemar de Barros segue outro caminho a partir dos 3 minutos de notícia, ao abordar os melhoramentos no complexo de hospitais no bairro do Mandaqui, zona norte da cidade de São Paulo.

Médico e homem público, doutor Adhemar é re-presentado com um protagonismo mais incisivo, ou

Figura 8.  
... ou o Hospital do Juqueri,  
apresentado mais detida-  
mente em demoradas tomadas  
de câmara, como uma *pano-  
râmica vertical* que acom-  
panha supostas autoridades  
adentrando o prédio...

Figura 9.  
... um *plano geral* em *profun-  
didade* para ilustrar a quanti-  
dade de <leitos acrescentados>.  
*Bandeirante da tela SN*, 1950.  
Acervo Cinemateca Brasileira

Figura 10.  
... Ou no enquadramento em  
*meio primeiro plano* para deta-  
lhar melhoramentos como o  
atendimento odontológico,  
ou ainda...



seja, em plena ação e junto do povo. De corpo pre-  
sente, o político desfila ladeado por sua comitiva de  
assessores e correligionários, participando de inau-  
gurações e vistoriando obras, sempre com uma pla-  
teia que representa a população local, ainda que esta  
não esteja propriamente ali, ao lado de Adhemar.  
Outro aspecto importante do discurso do médico-po-  
lítico é reforçado por outro poderoso “recurso” do  
adhemarismo: dona Leonor. A exploração do prota-  
gonismo da primeira-dama, como se verá adiante,  
não só reafirma valores cristãos e da família, como  
também complementa e legitima as ações do seu ma-  
rido na esfera pública.

Lembrando a campanha contra a tubercu-  
lose, o *Bandeirante da tela* exhibe as inúmeras me-  
didas tomadas pelo governo de Adhemar de Barros.  
Nesse sentido, para diminuir a incidência da <peste  
branca e dos casos fatais>, a construção de hospitais  
e de leitos no complexo do Mandaqui são mostrados  
como uma verdadeira <mobilização científica>. Essa  
afirmação do narrador começa a ser comprovada por  
uma breve panorâmica sobre a multidão diante de  
uma das unidades do complexo hospitalar. Mas é na  
sequência seguinte que tem início o elogio do político  
e de sua esposa: favorecidos pelo ângulo da câmara,  
doutor Adhemar e dona Leonor caminham à frente  
de uma comitiva, ladeados por uma concentração  
de pessoas. Nessa breve caminhada, a grandeza do  
casal começa a ser representada cinematografica-  
mente para o eleitor paulista: <benemérita sob todos



*os aspectos a incansável atuação de dona Leonor Mendes de Barros, que encontrou sempre o aplauso do povo>. O momento também é oportuno para lembrar a presença do <engenheiro Lucas Nogueira Garcez>, candidato à sucessão de Adhemar, ainda que tão-somente mencionado como um dos <dedicados colaboradores> de dona Leonor.*

Após a recepção inicial, o casal começa a visitar os resultados da gestão adhemarista. Como médico, Adhemar de Barros inspeciona, pessoalmente, os leitos e os melhoramentos que construiu, compondo um ritual basicamente montado por uma sucessão de tomadas em *plano geral* da comitiva andando pelos corredores e adentrando aos recintos, passando o máximo de vezes diante da câmara previamente fixada. Doutor Adhemar, sempre seguido por dona Leonor, lidera um desfile quase indisfarçado pelas instalações inauguradas, sobre as quais são adicionadas tomadas fixas de outros ambientes, para que o narrador possa concluir afirmando que *<corredores longos dão ideia do tamanho deste hospital, um dos muitos inaugurados>*.

Mas é fora da capital paulista, na cidade interiorana de Santa Rita do Passa Quatro, que o povo é mostrado de forma mais efetiva na narrativa do doutor Adhemar, ao assumir o único protagonismo que lhe é dado nesse ritual: o de entidade carente e assistida. Em uma campanha itinerante para diagnosticar a tuberculose com o uso da abreugrafia, o repetido e improvisado manuseio da máquina de



Figura 11. No complexo hospitalar do bairro de Mandaqui, <um dos bastiões da campanha contra a tuberculose>, uma multidão recepciona doutor Adhemar e dona Leonor...

Figura 12. ... na chegada do casal, é lembrada a <benemérita> e <incansável atuação de dona Leonor Mendes de Barros>, cujos aplausos em cena legitimam a afirmação da voz over...

Figura 13. ... após a afirmação de que <novas inaugurações se sucediam, com significado de novas proteções para a Saúde Pública>, a comitiva caminha por corredores e recintos. Com doutor Adhemar à frente, consciente <da obra valiosa que realiza, ainda que a custo de trabalhos e preocupações inúmeras>. *Bandeirante da tela SN*, 1950. Fonte: Acervo Cinemateca Brasileira.

raios X para atender as camadas pobres é notoriamente explorado no *Bandeirante da tela*. A começar pela narração que se encarrega de frisar o reconhecimento do povo pela benesse que recebia: <as populações formam filas após perceber [...] o alcance dos processos usados como a abreugrafia>. Contudo, não são propriamente “populações”, mas populares em uma única fila, tomada por diferentes ângulos fixos em *plano geral* e em *primeiro plano*, alternando homens, mulheres e crianças à espera e no atendimento. Os recursos cinematográficos avançados são marcas do cinejornal. Assim, na brusca assistência a uma criança pendurada na máquina de radiologia, no indiferente atendimento dos técnicos aos diagnosticados pelo mesmo procedimento, ou ainda nas pessoas olhando para a câmera na fila, as cenas do cinejornal dão uma caracterização própria ao povo, mostrando-o como um contingente grato pelo assistencialismo promovido pelo doutor Adhemar.

Esse tipo de assistencialismo foi um recorrente recurso da narrativa monumental de Adhemar de Barros nos cinemas para tentar se aproximar do contingente pobre do Estado de São Paulo. No cinema, tratava-se de um claro artifício de homogeneização da topografia audiovisual, onde a *voz over* e a *montagem* das cenas traziam o político e a primeira-dama para perto do povo humilde, ainda que o casal estivesse completamente ausente na enenação (*mise-en-scène*). Na visita ao interior paulista, o casal <dinamo incentivador> da campanha contra



Figura 14.  
No interior do Estado, o cine-jornal registra a fila das “populações”, após o <esclarecimento de médicos e auxiliares> sobre a eficácia da abreugrafia...

Figura 15.  
... as crianças são submetidas ao exame radiológico para descobrir os <esconderijos mais dissimulados> da tuberculose...

Figura 16.  
... numa verdadeira <peneira científica isolam-se os focos de infecção>, enquanto o discurso adhemarista no cinema preocupa-se em mostrar o máximo de pessoas atendidas...

Figura 17.  
... <Salvando-se vidas que muitas vezes valem por famílias inteiras>, como as assistidas por doutor Adhemar em seu cinejornal. Bandeirante da tela SN, 1950. Fonte: Acervo Cinemateca Brasileira.

a tuberculose, <o médico que tão eficientemente sabe governar e sua extremosa esposa> não aparecem cercados pela população pobre local, mas por correligionários. Doutor Adhemar e dona Leonor fiscalizam e inauguram instalações hospitalares, lembrando que o <governo que substituir o atual deverá manter acesa a chama do entusiasmo da atual gestão adhemarista>, pois <novas placas deverão assinar novos hospitais na vida futura de São Paulo>.

Nas aparições finais nesse cinejornal sobre Saúde Pública, o casal conversa com autoridades ao lado de um ônibus equipado com máquina de raio x para <dar mobilidade à campanha> contra a tuberculose. Nesse momento, a última tomada de dona Leonor mostra ao espectador que o trabalho da primeira-dama foi <compreendido por médicos, pediatras, fisiólogos, cardiologistas etc.>, e conclui que a <luta pela higidez social> foi estendida sobre todas as camadas sociais, pois <um povo saudável é um povo feliz>. Tal felicidade, porém, é representada na jovialidade de rapazes universitários numa fila para o exame de radiografia no mesmo ônibus da campanha. Mais uma vez, não é o cidadão pobre que divide a mesma cena com o importante casal paulista, e o adhemarismo nesse cinejornal acaba expondo como o assistencialismo é a forma pela qual o político se aproximava da população pobre, que ainda é chamada no final da notícia para emoldurar o “trem sanitário” que parte da estação ferroviária, ou



Figura 18.  
O médico que <tão eficientemente sabe governar e sua extremosa esposa> chegam a mais uma cidade do interior paulista. Cercado por correligionários, doutor Adhemar e sua dona Leonor prosseguem no...

Figura 19.  
... ritual do poder adhemarista, inaugurando e fiscalizando pessoalmente, ao lado do candidato Nogueira Garcez (dir.), que <deverá manter acesa a chama> da <atual gestão>. Bandeirante da tela SN, 1950. Fonte: Acervo Cinemateca Brasileira.

Figura 20.  
A campanha de combate contra a tuberculose contou com o <trabalho magnífico de dona Leonor>. Reconhecida por vários especialistas da Saúde, a contribuição da primeira-dama foi...

Figura 21.  
... fundamental para que a <luta pela higiene social> fosse estendida sobre um povo <saudável e feliz>, representado nos universitários em fila para o exame de raios X...

melhor, adornar a <a marcha da saúde que Adhemar iniciou e não pode ser interrompida>.

### O adhemarismo em tempos difíceis (1953-1956)

A década de 1950 abria-se de forma promissora para a estratégia política de Adhemar de Barros. Até 1952, Adhemar pôde explorar, sem maiores preocupações e inimigos políticos, a sua dimensão de homem público que domina a ciência, e que buscava reforço na dimensão da vida privada, com a presença de sua família, representada por dona Leonor. Nesse mesmo ano em que o “doutor Adhemar” vivia o seu último período de relativa tranquilidade na vida política, outra edição não identificada do *Bandeirante da tela* (cuja informação de som se perdeu) capitalizou esses dois arquétipos fundamentais da dimensão pública e privada do adhemarismo: o homem da ciência e a matriarca da família (*Bandeirante da tela SN*, 1952).

Relembrando a necessidade do autoelogio das elites paulistanas no cenário urbano do início do século XX (Morettin, 2012), o segmento “crônica social” trazia ao público a esfera privada da família de Adhemar de Barros, mostrando a festividade de suas bodas de prata com dona Leonor. O casal voltava a conduzir um ritual do poder nos cinemas, num evento dividido entre a cerimônia religiosa e o banquete na sua residência. Com o intuito de monumentalizar a religiosidade cristã da família, certos ângulos ressaltavam dona Leonor em suas preces; e enquadramentos com *planos gerais* demarcavam



Figura 22. ... ademais, os <trens sanitários> de doutor Adhemar transportam <meios de diagnósticos e elementos para a terapêutica> pelo interior paulista, numa impávida...

Figura 23. ... <Marcha da saúde> adhemarista que não pode ser interrompida, haja vista a população pobre que dela necessita. *Bandeirante da tela SN*, 1950. Fonte: Acervo Cinemateca Brasileira.



o círculo de familiares e amigos, dentre os quais o governador Lucas Nogueira Garcez e sua esposa, a primeira-dama dona Carmelita. Contudo, é no fim da notícia que o cinejornal faz um apelo ao espectador, ao “passar” pela sala de estar do casal. Numa demorada *panorâmica vertical em primeiro plano*, a câmera se detém na primeira prateleira de uma cristaleira com alguns troféus e outros objetos, entre os quais uma notável placa “Dr. Adhemar de Barros – Médico”. Há dois anos fora do comando do Estado, o cinejornal parecia querer reavivar no espectador a lembrança do compromisso adhemarista com a Saúde Pública e o bem-estar do cidadão paulista.

Figura importante, o médico era um profissional crucial também para assuntos familiares no contexto das transformações socioculturais dos anos 1950 (Novais, 1998). A imagem de um doutor e conselheiro visava a transmitir uma postura confiável, tanto para os que tinham acesso a esse profissional, classes média e alta, como para as camadas populares que raramente o consultavam, e que talvez por isso o respeitassem ainda mais. Foi essa, pelo que se pode ver no pouco que sobrou da série *Bandeirante da tela*, uma das principais apostas de Adhemar de Barros representada em seu cinejornal, para enfrentar a forte oposição dos seus adversários políticos: o recém-eleito prefeito da capital Jânio Quadros; e o próprio governador do Estado, anteriormente amigo e correligionário Lucas Nogueira Garcez.



Figura 24.  
Na Casa Pia São Vicente de Paulo, em São Paulo, Adhemar e dona Leonor renovam seus votos, numa cerimônia levada ao público paulista pelas lentes do cinejornal...

Figura 25.  
... com alguns enquadramentos sobre o casal – especialmente em dona Leonor – o registro procurou monumentalizar a dimensão religiosa da mitologia adhemarista...



Para as eleições estaduais de 1954, por exemplo, uma edição especial do *Bandeirante da tela*, também intitulada *Um homem capaz*, foi preparada com uma compilação de feitos adhemaristas (*Bandeirante da tela – um homem capaz*, 1954). Utilizando materiais antigos, de arquivo, o cinejornal abria com tomadas em *plano geral* de conhecidos arranha-céus da capital paulista, e com a fala propagandística de que somente o <pulso de um Adhemar de Barros> seria capaz de governar a pujança de São Paulo, uma vez que sua capacidade realizadora já estava <soberamente comprovada>. Após imagens de Adhemar de Barros cercado por grande multidão em sua <posse apoteótica> de 1947, <a maior manifestação já vista!>, o cinejornal faz uso oportunístico de um antigo depoimento de Lucas Nogueira Garcez, gravado em 1950, em que afirma os “aspectos realizadores” da “política construtiva” do seu ex-colega.

É interessante notar que em pouco mais de 4 minutos de filme, tal propaganda não se esquece do doutor Adhemar e <suas centenas de hospitais inaugurados>, basicamente repetindo as imagens sobre Saúde Pública assistidas no cinejornal de 1950. Mas também trazendo novas informações, como, por exemplo, a estatística que dos <24 mil leitos do Estado, 18 mil foram instalados por Adhemar e Barros>. Nesse momento, a mesma seqüência monumentalizante da fachada do Hospital das Clínicas



Figura 26.  
... na pequena memorabilia em sua cristaleira, destaque para aquilo que o público não deveria esquecer: o doutor Adhemar. *Bandeirante da tela SN*, 1952. Fonte: Acervo Cinemateca Brasileira.

Figura 27.  
... E reforçar aproximações importantes no cenário político paulista: como os cumprimentos entre dona Leonor e dona Carmelita; e doutor Adhemar e o governador Nogueira Garcez (ao fundo)...



é reutilizada para sustentar a voz over elencando uma série de realizações na área da Saúde: sanatórios, hospital para o pênfigo foliáceo, o Hospital das Clínicas, trens sanitários e a campanha para tuberculose. Enfim, no <*governo de Adhemar tomou realmente impulso a assistência hospitalar*>.

Mesmo depois do fracasso nas eleições estaduais de 1954, o discurso adhemarista nos cinejornais persistiu, tentando alçar o seu dono a voos mais altos, como o pleito presidencial de 1955. Todavia, uma sugestiva mudança na representação do doutor Adhemar parece ter ocorrido, expondo ainda mais a sua esfera privada: as ações do médico surgem atreladas ao protagonismo de sua esposa. Além disso, Adhemar de Barros agora aparece junto do povo na topografia audiovisual, reforçando as ações filantrópicas de dona Leonor. Ao que parece, o progressivo esgotamento do seu capital político, e o contínuo desgaste da sua imagem diante da vitória dos adversários forçou Adhemar a buscar apoio na agenda de sua esposa, que frequentemente emulava a assistência social praticada nos tempos de primeira-dama. Apostando na empatia do eleitor com dona Leonor, em 1955 o *Bandeirante da tela n. 679* representa o preparado médico-gestor ao lado de sua caridosa e dedicada esposa.

No segmento “notícias sociais” do referido cinejornal, dona Leonor comemora o seu aniversário



Figura 28.  
De acordo com a propaganda adhemarista, <a campanha contra a tuberculose nunca foi tão intensa> no Estado de São Paulo, com postos de atendimento itinerantes para exames de prevenção da doença e...

Figura 29.  
... diagnóstico pela abreugrafia, em que <caboclos, operários, estudantes, crianças e adultos> não ficaram sem atendimento. *Bandeirante da tela – um homem capaz*, 1954. Fonte: Acervo Cinemateca Brasileira.



cumprindo um rito conhecido do eleitorado adhemarista: a visitação a hospitais e a distribuição de presentes aos pobres. Porém, apenas a passagem pela cidade paulista de Campos do Jordão foi levada aos cinemas por aquele cinejornal. Acompanhada por outras mulheres, dona Leonor percorre vários corredores, passando por leitos numa continuidade visual criada pela *montagem* cinematográfica. O repetido “entra e sai” imprime certa agilidade na visitação dos pacientes, sugerindo terem sido muitos os visitados. Nesse sentido, para dar organicidade às cenas é dito que <doutor Adhemar e dona Leonor visitaram os hospitais [...] contra a tuberculose e outros nosocômios e maternidades>, embora Adhemar não tivesse aparecido no cinejornal até aquele momento. Na cena seguinte, a ação ocorre no interior de um leito hospitalar onde, supõe-se, doutor Adhemar e dona Leonor dedicarão atenção aos internos. Enquadramentos em *plano médio e plano americano* registram o casal ao lado de uma paciente, em seu leito. A demonstração de carinho de dona Leonor – visualmente traduzida num afago oferecido à moça – é complementar à presença de doutor Adhemar, cuja postura de mero observador naquela cena – ainda que com um cigarro na mão direita – serve para evocar o seu papel de médico junto ao espectador/eleitor.

Todavia, é na segunda metade da notícia que algo diferente ocorre. O hospital já não é mais o



Figura 30.  
Doutor Adhemar e dona Leonor visitaram vários hospitais <contra tuberculose e outros nosocômios e maternidades>. Adhemar, no entanto, ainda não havia aparecido no registro...



Figura 31.  
... no leito hospitalar, a solidariedade do casal se manifesta na atenção que doutor Adhemar dedica à paciente ao observá-la – ainda que o político estivesse segurando um cigarro na mão direita...



Figura 32.  
... e no carinho de dona Leonor, traduzido no afago que faz na paciente deitada em seu leito. *Bandeirante da tela n. 679*, 1955. Fonte: Acervo Cinemateca Brasileira.

cenário, pois agora doutor Adhemar assiste sua esposa nas ações de caridade que ela coordena. Ou seja, a *expertise* administrativa e o saber científico de Adhemar de Barros dão lugar ao homem público de bom coração, que também dedica seu valioso tempo para um contato mais direto com o povo humilde. Uma ação louvável sob o ponto de vista cristão; mas oportuna para alguém que precisava reacender no cenário político-eleitoral; e igualmente reveladora do populismo subentendido no discurso adhemarista. Ao justapor o papel de médico realizador com as ações de caridade de dona Leonor, o *Bandeirante da tela* acabou noticiando a sua própria intenção de angariar apoio da sociedade para o pleito que se aproximava. Não por acaso a voz over enfatizava uma cobrança indisfarçada por votos, ao dizer que doutor Adhemar colaborava com <uma tarefa humanitária e filantrópica>, e que a <alma dos adultos> saberia notar as <demonstrações de solidariedade humana dos bons>. Ademais, a disposição do povo carente nos enquadramentos que compõem a notícia



Figura 33.  
Doutor Adhemar diretamente envolvido numa < tarefa humanitária e filantrópica >, colaborando pessoalmente com a caridade promovida por dona Leonor...

Figura 34.  
... enquanto semblantes cansados e arredios à câmara revelam a exploração da pobreza que o ritual do poder adhemarista levou às salas de cinema no ano de 1955...



denota o seu verdadeiro lugar no teatro adhemarista. À beira de um barranco ou amontoado junto a uma linha de trem, os rostos exaustos da população pobre de Campos do Jordão denotam bem mais do que agradecimento à ação caridosa do doutor Adhemar e sua esposa. Eles mostram a dureza do contrato social em voga em todo o Estado de onde o adhemarismo colhia elementos para o seu ritual do poder.

### **Doutor Adhemar: diagnóstico da nossa cultura política**

*O fogo cerrado tem que ser no lombo dos indecisos. Pra que gastar saliva com os janistas? [...] Falem*



Figura 35.  
... uma exploração evidente na pretensão do cinejornal em registrar a maior quantidade possível de pobres assistidos, não importando se estivessem amontoados num morro ou próximos à linha de trem...

Figura 36.  
... ou mesmo se equilibrando num barranco, enquanto uma *panorâmica em plano geral* exhibe a enorme fila de homens, mulheres e crianças a espera de benesses. *Bandeirante da Tela n. 679*, 1955. Fonte: Acervo Cinemateca Brasileira.



*no Hospital das Clínicas, em dona Leonor. Nos tuberculosos. Os indecisos é que vão nos levar pros Campos Elísios. (Rey, 1998)*

Investigar as tonalidades de um discurso político requer redobrada atenção, tanto para entender as suas características como para compreender algumas linguagens que o veicularam. A partir desses procedimentos, e com distanciamento histórico, foi possível descortinar elementos da mitologia adhemarista surgida há 70 anos, no contexto da primeira redemocratização brasileira. Portanto, além de explicar o lugar conservador que o adhemarismo ocupa no espectro ideológico brasileiro, a sua mitologia também expôs as transformações que a sua figura central sofreu no período analisado. Assim, foi possível examinar em seu cinejornal algumas apostas que o doutor Adhemar usou para se aproximar do eleitorado entre 1950 e 1956.

A citação acima descreve a estratégia de um eleitor de Adhemar de Barros, que ao buscar votos para o pleito de 1954 apostava em certas imagens basilares da mitologia adhemarista. No texto, destacam-se os temas da saúde e da filantropia (dona Leonor). Nesse sentido, doutor Adhemar compôs a conhecida figura do homem de ciência, esclarecido e preparado para conduzir os rumos políticos do estado mais rico da nação. Soma-se a isso o louvor à formação médica como arcabouço científico para

lidar com as necessidades do ser humano, e promover a melhor “Saúde Pública” para a população. Como se o aspecto político de sua atividade fosse deixado em segundo plano para se destacar outras características que ao mesmo tempo recusam a etiqueta do político tradicional, transformando-o em homem público mais capaz do que seus adversários comprometidos com a forma envelhecida da política partidária. Como se seus gestos estivessem para além do jogo político.

Contudo, o cinejornal deixa claro que é na lida com as necessidades da população carente que o discurso adhemarista – remodelado a partir de 1953 – se apresenta como um elogio ao *status quo* conservador. No período em que as contingências políticas e socioculturais pediam e sofriam mudanças, e que novas formas de se fazer política surgiram, o adhemarismo mostrou-se provinciano. Das realizações visionárias e das propostas vanguardistas para a esfera pública, o médico-administrador Adhemar de Barros se voltou para esfera privada, para se encontrar com os valores católicos da família paulista, e com a caridade promovida por dona Leonor. E foram estes os espaços utilizados para tratar dos problemas da população carente.

Na primeira metade dos anos 1950, o discurso adhemarista propôs uma interlocução anacrônica para uma sociedade cada vez mais diversificada em termos culturais e socioeconômicos. As ações filantrópicas de uma (ex) primeira-dama somadas à respeitabilidade e à distinção de um político-doutor já não traduziam anseios de camadas populares mais amplas. No entanto, no início dos anos 1960 essas feições retrógradas do adhemarismo ressurgiram como valorosa moeda de troca no cenário político estadual e nacional. Hoje, décadas se passaram desde a sua invenção, mas o atual quadro político permite, sem anacronismo, aferir a alta cotação dessa mesma “moeda” adhemarista para os princípios políticos em voga no Brasil.

### **Referências bibliográficas**

- Archangelo R. Um bandeirante nas telas de São Paulo: o discurso adhemarista em cinejornais (1947-1956). 2007. Tese de Doutorado.
- Aumont J et al. A estética do filme. Campinas: Papyrus, 2012, p. 43-45.
- Bandeirante da tela SN. São Paulo: Divulgação Cinematográfica Bandeirante, 1950. Fita de vídeo (14min30min), sonoro, p&tb. Cinemateca Brasileira.
- Bandeirante da tela SN. São Paulo: Divulgação Cinematográfica Bandeirante, 1952. Película 35mm (12min), sonoro, p&tb. Cinemateca Brasileira.
- Bandeirante da tela – um homem capaz. São Paulo: Divulgação Cinematográfica Bandeirante, 1954. Fita de vídeo (4min26seg), sonoro, p&tb. Cinemateca Brasileira.
- Bandeirante da tela n. 679. São Paulo: Divulgação Cinematográfica Bandeirante, 1955. Fita de vídeo (7min), sonoro, p&tb. Cinemateca Brasileira.
- Girardet R. Mitos e mitologias políticas. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- Gomes PES. A expressão social dos filmes documentais no cinema mudo brasileiro (1898-1930). Paulo Emilio: um intelectual na linha de frente. São Paulo: Brasiliense, Rio de Janeiro: Embrafilme, p. 324, 1986.
- Goulart S. Sob a verdade oficial – ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero, 1990, p. 77-8.
- Morettin E. Dimensões históricas do documentário brasileiro no período silencioso. In: Morettin

E et al. História e documentário, 2012, op. cit., p.11-43.

Novais F, Mello JMC. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: Novais F (coord.), Schwarcz, LM (org.). História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 559-658.

Rey M. O Adhemarista. In: Jatobá R (org.). Trabalhadores do Brasil: histórias cotidianas do povo brasileiro. São Paulo: Geração Editorial, 1998, p. 205-17.

Xavier I. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

Data de recebimento: 19/01/2017

Data de aprovação: 24/07/2017